



PERIPÉCIAS DE UM TIPOGRAFO LUSITANO: Reflexões sobre a vinda de Antônio Isidoro da Fonseca para o Brasil

VICISSITUDES OF A LUSITANIAN TYPOGRAPHER: Reflections about the coming of Antônio Isidoro da Fonseca to Brazil

GT4 – Memória, Cultura e Patrimônio
Artigo Completo Para Comunicação Oral

DUARTE, Jorge Pereira¹

RESUMO

Este artigo objetiva fomentar reflexões sobre qual teria sido a preponderante motivação que incitou a vinda do impressor português, Antônio Isidoro da Fonseca, para o Rio de Janeiro no ano de 1746. Para isso, destacaremos possíveis circunstâncias que podem ter contribuído para a consumação deste fato. O estudo desse tópico apresenta-se alicerçado em pesquisas bibliográficas: leituras, análises e comparações de conteúdos textuais. Inferimos que, ainda hoje, não há documento que efetivamente comprove qual a lúdima motivação que encaminhou Antônio Isidoro para terras brasileiras, nem tampouco, o porquê de iniciar suas atividades no Brasil de forma tão controversa. No entanto, este trabalho nos alerta para a importância da atividade de pesquisa, pois é através desta prática, de continuidade de busca pela apreciação de dados referentes a esta questão, que se tornará plausível a identificação da autêntica justificação.

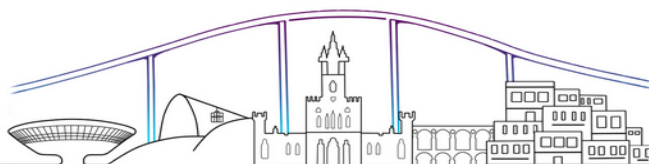
1

Palavras-chave: Tipografia. Antônio Isidoro da Fonseca. Rio de Janeiro. Gomes Freire. Bispo Frei Antônio do Desterro.

ABSTRACT

This article aims to foment reflections about the preponderant motivations that urged the coming of the portuguese printer, Antônio Isidoro da Fonseca, to Rio de Janeiro in 1746. For this, we will highlight possible circumstances that might have contributed for the consummation of this fact. The study of this topic is grounded in bibliographic research: readings, reviews and comparison of textual contents. We infer that until today, there are no documents that effectively proves what was the genuine motivation that brought Antônio Isidoro to brazilian lands, neither, why he started his activities in Brazil in a such a controversial way. However, this article alerts us for the importance of researching, because it is through the practice of continuously searching for the appreciation of data related to this matter that it will become plausible to identify the authentic justification.

¹Discente de Licenciatura em Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).
E-mail: jorgepeduarte2@gmail.com



Keywords: Typography. Antônio Isidoro da Fonseca. Rio de Janeiro. Gomes Freire. Bishop Friar Antônio do Desterro.

1 INTRODUÇÃO

Durante o aprendizado da disciplina História do Livro e da Biblioteca, familiariza-se com o tema que relaciona-se ao primeiro documento impresso no Brasil de forma não oficial realizado por Antônio Isidoro da Fonseca, uma vez que esta legitimidade, só se concretiza com a presença da família real residindo na colônia e devido a latente necessidade apresentada por D. João VI pela elaboração dos mais diversos documentos impressos. Em razão das prensas, localizarem-se até aquele momento em Portugal, o príncipe regente, determina que seja implantada na corte uma tipografia. Desponta-se então, a Imprensa Régia, cuja prensa foi embarcada para o Brasil junto com seu proprietário, Antônio de Araújo e Azevedo, Conde da Barca (1754-1817), ministro de D. João VI.

Apesar de alguns historiadores fazerem alusão à possibilidade de haver sido impresso no Brasil documentos em prensa móvel antes de 1747, nenhum documento até então, apresentou-se como fonte fidedigna dando veracidade a este tópico e, portanto, prevalece a tese de que, a primeira tipografia no Brasil tenha sido efetivamente a de Antônio Isidoro da Fonseca.

No entanto, nenhum registro explica efetivamente o motivo pelo qual um impressor que possuía uma oficina tão ativa em Portugal e segundo o historiador Arthur Anselmo (1997, p. 92), “foi, com sua primeira oficina, em Lisboa, um dos dez maiores editores portugueses da ‘fase esplendorosa’ do reinado de D. João V (1707-1750), em ‘número de obras acabadas’”, desfaz-se de sua tipografia e vem para a colônia recomeçar sua vida profissional.

Partindo dessa consideração, fazemos uma análise sobre as mais variadas questões que poderiam ter incentivado ao tipógrafo e editor português, Antônio Isidoro da Fonseca, a deslocar-se de sua terra natal para o Rio de Janeiro enquanto colônia portuguesa, na busca de melhores realizações sociais e financeiras.

Realiza-se também, uma lépida investigação sobre as circunstâncias que contribuíram para que Antônio Isidoro, mesmo experiente em sua atividade profissional,



constituísse sua oficina de forma irregular, em relação às devidas autorizações necessárias para o exercício da profissão.

A razão preponderante do desenvolvimento deste trabalho é buscar entender através das diversas possibilidades que trouxeram Antônio Isidoro da Fonseca para o Brasil, os motivos da tardia instalação de uma tipografia oficial na colônia, bem como, ocorreria o desenvolvimento tipográfico nos anos seguintes. Observamos que a história da escrita em nosso país, é introduzida quase que de uma forma aventureira não havendo nem mesmo, pelos atores principais desta realização, um registro dos verdadeiros acontecimentos.

Justificamos a importância desta pesquisa, considerando ser a história da implantação da tipografia no Brasil um delineamento para a memória social, entendo a mesma como a coletivização do processo de adquirir, armazenar e recuperar as informações que foram assimiladas pela mente.

Esta pesquisa apresenta-se com teor significativo para a área biblioteconômica, pois a Biblioteconomia é um ramo do conhecimento que lida com a informação, através do processo de aquisição, tratamento, armazenamento, recuperação e disseminação da mesma.

3

A relevância desta análise, tanto para o estudo histórico da área biblioteconômica, quanto para nossos próprios impulsos, faz-se depreender o quão necessário é a pesquisa na busca por fontes mais genuínas sobre os fatos, possibilitando um melhor entendimento dos acontecimentos do porvir.

2 DIALOGANDO COM AS FONTES DE EMBASAMENTO

As opiniões emitidas por historiadores em relação a Antônio Isidoro são um tanto quanto contraditórias, pois alguns enaltecem Isidoro sendo um grande tipógrafo como é o caso de José Veríssimo, historiador e professor paraense. Segundo José Veríssimo (1900, p. 32) citado por Bragança (2007, p. 2), denota ser Antônio Isidoro o “patriarca da imprensa no Brasil”.

Outros pesquisadores discordam desta teoria, como é o caso do inglês Laurence Hallewell, autor de um importante estudo sobre a história do livro brasileiro, onde retrata com precisão, clareza e riqueza de dados estatísticos o desenvolvimento de editoras brasileiras, e



os problemas econômicos, sociais e políticos que enfrentaram para sobreviver. Hallewel desqualifica o empreendimento pioneiro do tipógrafo lusitano afirmando

ser impossível não estranhar seu otimismo – ou sua ignorância, pois não havia [...] qualquer possibilidade de que Isidoro pudesse viver da impressão de livros no Brasil, calculando que ele pudesse contar com no máximo 1250 fregueses em potencial. (HALLEWELL, 2005, p. 89 apud BRAGANÇA, 2007, p. 2)

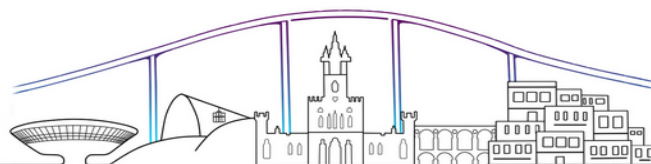
Que motivos teria então Antônio Isidoro da Fonseca para abandonar sua pátria e desembarcar no Rio de Janeiro com a necessidade de recomeçar sua labuta, sendo ele um tipógrafo sobrelevado em terras lusitanas e os seus dotes profissionais muito requisitado? Sendo um profissional experiente em seu ofício, como instala sua oficina faltando-lhe a concessão oriunda da coroa portuguesa obtendo apenas as autorizações de impressão referentes à santa inquisição e ordinário?

Podemos elencar alguns fundamentos que incentivaram a decisão de transferência de Antônio Isidoro para o Brasil, entre eles, destacamos: possíveis dificuldades financeiras em Portugal; manter-se longe dos olhares fiscalizadores da coroa e do clero, pois, Isidoro atuou como editor de obras de Antônio José da Silva, “O Judeu”; convite do futuro Conde de Bobadela ao tipógrafo para domiciliar-se na capitania do Rio, pois o governador intencionava desenvolver a intelectualidade da cidade através da criação de academias literárias; a aspiração de imprimir um documento em homenagem à Frei Antônio do Desterro por assumir o bispado da capitania do Rio de Janeiro. Estas possíveis questões, foram responsáveis pela origem do primeiro documento impresso no Brasil.

4

2.1 DIFICULDADES FINANCEIRAS

Alguns pesquisadores, como é o caso do jornalista Carlos Rizzini, presumem, que a dificuldade financeira, teria sido a causadora da decisão de Antônio Isidoro vir para o Brasil, fundamentando-se em um requerimento feito pelo próprio em 1750, onde diz ter se desfeito da sua casa e oficina para saldar dívidas junto à alguns credores, bem como para alicerçar no Rio de Janeiro com o propósito de trabalhar e ganhar o seu sustento e de sua mulher. De acordo com Rizzini (1968, p. 167), Antônio Isidoro, “trouxe sua tipografia para a colônia



devido a embaraços financeiros em Portugal, pois teve que vender alguns bens para pagar dívidas”.

2. 2 POSSÍVEL NECESSIDADE DE REFÚGIO

Podemos considerar como possibilidade desta contingência, a necessidade de Antônio Isidoro refugiar-se em outro local para evitar a repressão por parte da Inquisição, bem como da Coroa portuguesa, por ter sido o editor de algumas obras de Antônio José da Silva (1705 - 1739), dramaturgo português e conhecido como “O Judeu”, que foi condenado pelo tribunal da “Santa Inquisição” a ser garrotado e morto e após a execução, ainda ter seu corpo queimado em praça pública. Isidoro editara as obras Labirinto de Creta (1736) e Guerras do Alecrim e Mangerona (1737), encontrando-se por este procedimento em possível rota de colisão com o Tribunal da “Santa Inquisição” e com a Realeza portuguesa, sendo nesse momento mais coerente, transferir-se para a colônia expectando o apaziguamento dos órgãos portugueses de censura. As obras de Antônio José da Silva, “O Judeu”, impressas por Antônio Isidoro, são apresentadas na forma de exposição utilizada pelo jornalista Jair Rattner² expondo de forma cronológica, crescente e em ordem alfabética a partir dos títulos das obras. Quando possível, foi informado também o formato, o número de páginas e as medidas aproximadas dos impressos.

5

Número: 033

Título: Guerras do Alecrim e Mangerona, obra joco seria. Que se ha de fazer na casa do Bairro Alto Neste Carnaval de 1737. Lisboa Ocidental, Na Oficina de Antônio Isidoro da Fonseca. Ano 1737.

Autor: Antônio José da Silva (O Judeu)

Formato: in 8°

Páginas:

- BN³: 16 + 143 + 1 = 160 p
- UC⁴: 143 p
- HL⁵: 16 + 143 + 1 = 160 p

Medidas:

- BN: 14cm
- HL: 16 cm
- UC:?

² RATTNER, Jair Norberto. Levantamento das obras impressas por António Isidoro da Fonseca existentes na Biblioteca Nacional de Lisboa, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 1990.

³ Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

⁴ Bibliotecas da Universidade de Coimbra.

⁵ Harvard Libraries.



Referências:

- José Oliveira Barata, p. 36⁶

Localização:

- BN³: cota: cofre 2, 13
- UC⁴, Faculdade de Letras, Instituto de Educação, Teatrais: cota 2-7-126
- HL⁵, Coleção Houghton: LBC7.Si382.737g

Número: 037

Título: Labirinto de Creta obra que se há de fazer no Teatro da nova casa do Bairro Alto Neste presente Ano de 1736. Dedicado à curiosidade da Corte e Cidade de Lisboa. Lisboa Ocidental: Na Oficina de Antônio Isidoro da Fonseca, 1736.

Autor: Antônio José da Silva (O Judeu)

Formato: in 8°

Páginas:?

Medidas:?

Referências:

- Inocêncio, I, p. 176-180 e VIII, p.212-213⁷
- José Oliveira Barata,1979. p. 13, 30 e 36⁶

2. 3 DESENVOLVIMENTO DA INTELLECTUALIDADE NA CIDADE

Outra possibilidade plausível, que pode justificar a trasladação de Antônio Isidoro de Portugal para o Brasil em 1747, encontra-se na aspiração do governador Gomes Freire de Andrade e Silva (1685 - 1763 - 1º Conde de Bobadela) de desenvolver a intelectualidade na capitania, uma vez que expandia-se as fundações de “Academias de Intelectuais” ou Academias Literárias. Em Portugal, já se fazia presente desde o século XVI, no entanto,

⁶ BARATA, José Oliveira. em: Antônio José da Silva, Esopaida ou Vida de Esopo. Edição Sinóptica e Interpretativa, (Leitura do manuscrito, notas e comentários por José Oliveira Barata), Universidade de Coimbra, 1979.

⁷ INOCÊNCIO, Francisco José. Diccionario bibliografico portuguez. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858.



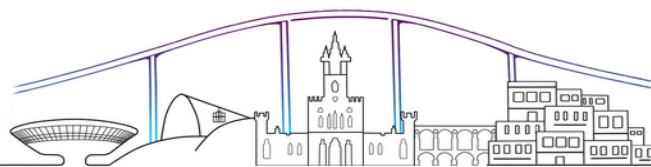
continuavam prosperando-se e adaptando-se às novas necessidades de estudo. Gomes Freire funda em 1736 a “Academia dos Felizes”.

Segundo Valéria Gauz, doutora em Ciência da Informação pelo IBCT e bibliotecária de livros raros, (2005), com a concepção da Academia Real em Lisboa em 1720, com intuito de registrar a história portuguesa, tornava-se necessário também o estudo da história da América portuguesa, em razão disso, surgem a partir de 1724 as chamadas academias literárias brasileiras, em particular, a Academia Brasílica dos Esquecidos com o propósito de implementar estudos do Brasil na perspectiva da História Natural, Militar, Política e Eclesiástica. Entre 1736 e 1740, Gomes Freire vai fundar a Academia dos Felizes, momento em que tem a idealização de constituir o primeiro prelo no Rio de Janeiro. Em 1752, surge a Academia dos Seletos em homenagem a Gomes Freire.

Alguns historiadores, entre eles Alexandre Passos, consideram ter partido do futuro Conde de Bobadela, o convite para Antônio Isidoro da Fonseca domiciliar-se na capitania do Rio de Janeiro, com intuito de desenvolver a primeira tipografia no Brasil e em particular na própria capitania na qual governava. Segundo Passos (1952, p.21), “Gomes Freire permitiu que um seu ‘recomendado’ de Portugal, tipógrafo e impressor Antônio Isidoro da Fonseca, montasse uma tipografia no Rio de Janeiro”.

Identificamos também, uma forte ligação familiar de Gomes Freire com personalidades influentes na corte portuguesa, como Sebastião José de Carvalho e Melo, futuro Marquês de Pombal. Esta aproximação de ambos poderia vir a facilitar o intento de Gomes Freire. A obra organizada por Roberto Guedes, com texto colaborativo de Mônica da Silva Ribeiro, aborda este assunto. Segundo Ribeiro (2011, p. 89-90), “[...] O futuro marquês de Pombal tinha grande proximidade com o governador do Rio de Janeiro, e com alguns de seus parentes, e escrevia, com frequência, cartas familiares para Gomes Freire”.

Cartas escritas por Pombal à Gomes Freire



“Na minha família me fez o senhor Deus a graça de me dar mais um Filho levando-se no mesmo tempo uma Filha, tão vantajosa a favor da segunda que passou a gozar da boa aventura sem conhecer as misérias do mundo, quando seu irmão entrou nelle”.⁸

“Meo Amigo, e meo Senhor. Depois de haver escrito a V. Ex^a. em officio com a ocasião da partida da Frota do Rio, me aproveite também della para significar a V. Ex^a. se continue a perfeita saúde, que he tão necessária como o meo affectuoso cuidado está sempre temendo arriscada em huma tão escalabroza marcha como me indicaram as ultimas cartas de V. Ex^a., e em hum Paiz onde havia de achar contra si a natureza estéril. Destes Receyos apelei porem sempre para a consumada prudência de V. Ex^a., a qual espero, e confio em Deus que tenha prevalecido contra tantos estorvos, que sem a circunspecção, e constancia de V. Ex^a. se criam insuperáveis às forças humanas como V. Ex^a. terá visto muito à sua custa por claras experiências, para se não empenhar no impossível depois de ter combatido tantas dificuldades em ponto no qual o empenho he alheyo, e não próprio de V. Ex^{as}”.⁹

8

2.4 HOMENAGEM AO BISPO

Uma conjuntura, que propiciava neste período a realização de uma comutação do velho continente para a América portuguesa ao impressor Antônio Isidoro, era a transferência de D. Frei Antônio do Desterro Malheiros (1694 - 1773), português, religioso da Ordem Beneditina, vindo do bispado de São Paulo de Luanda – Angola, para a capitania do Rio, onde assumiria no dia 01 de Janeiro de 1747, o prelado, como Sexto Bispo do Rio de Janeiro.

D. Frei Antônio, como membro do clero, representava o Tribunal da Santa Inquisição no Rio, tendo inclusive atuado como inquisidor no processo de expulsão dos padres Jesuítas atuantes na cidade.

D. Frei Antônio do Desterro Malheiros, foi, informa-se, assaz rigoroso com relação aos jesuítas expulsos pelo Marquês de Pombal, dizem, influenciado pelo espírito do tempo ou sob o receio de reações daquele membro do governo português. (ALONSO, Anníbal Martins e NORONHA, Vicente, 1970, p. 15)

⁸ “Carta familiar do II^{mo}. e Ex^{mo}. Secretário de Estado Sebastião Joseph de Carvalho e Mello para Gomes Freire de Andrada na data de 22 de outubro de 1754”. Biblioteca Nacional de Portugal, Coleção Pombalina, cód. 626.

⁹ “Carta familiar do II^{mo}. e Ex^{mo}. Secretário de Estado Sebastião Joseph de Carvalho e Mello para Gomes Freire de Andrada na data de 30 de dezembro de 1754, escrita pela Frota do Rio de Janeiro”. Biblioteca Nacional de Portugal, Coleção Pombalina, cód. 626.



A chegada ao Brasil de D. Frei Antônio Malheiros, apresenta, além da importante tarefa de assumir o bispado, o dever de atuar como Visitador Apostólico da Companhia de Jesus. Como visitador e representante do papa, realizava investigações de circunstâncias específicas, submetendo um relatório para a Santa Sé com suas conclusões.

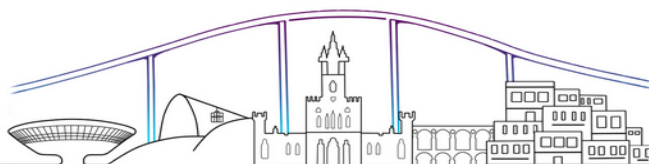
Em 30 de Outubro de 1759, chega ao Rio de Janeiro, a lei de expulsão da Companhia de Jesus, de Portugal e de seus domínios. O Bispo Antônio do Desterro, é então nomeado em 4 de Janeiro de 1760, como Reformador dos jesuítas. Desempenhou com esta autoridade, a implantação das novas instruções eclesiásticas determinadas pela igreja, após, a expulsão dos inicianos. Segundo Castro (1998, p.38),

Dom Antônio do Desterro Malheiros. Este bispo beneditino, vindo do bispado de Luanda, chegou ao Rio em 1.745. Foi visitador e reformador da Companhia de Jesus e cumpriu tão à risca essa incumbência, que é considerado, por alguns, “o algoz dos jesuítas”.

Como Bispo, foi muito importante tanto em relação às atividades pertinentes à organização eclesiástica, como por exemplo, concedendo autorização para que os escravos tivessem enterro cristão, quanto para o desenvolvimento da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro onde assume por intermédio de um triunvirato, o governo da capitania após a morte de Gomes Freire.

Pode Antônio Isidoro ter beneficiando-se com algum tipo de contato entre Frei Antônio e Gomes Freire nos idos de Março de 1740, uma vez que o Bispo teria embarcado em Portugal com destino a Angola e aportado no Rio de Janeiro ficando hospedado no Mosteiro de São Bento. No período de estadia, já encontrava-se como governador, Gomes Freire de Andrade e por serem dignitários, o diálogo entre ambos era quase uma necessidade.

Como as concepções para o futuro eram alinhavadas em encontros e discussões muito antes de efetivá-las, uma vez que, havia a necessidade de aproveitar-se destes momentos devido às dificuldades de comunicação em função das grandes distâncias, pode ter ocorrido do Bispo e o governador ter traçado planos para Antônio Isidoro, pois já nesse momento, a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, apresentava desenvolvimentos consideráveis para a época.



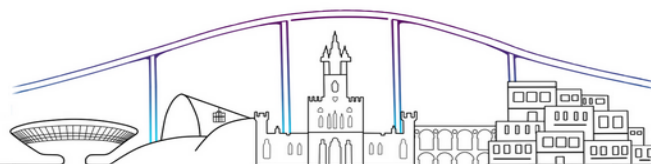
Essa indagação baseia-se nos interesses apresentados por Gomes Freire em referência ao desenvolvimento das academias literárias, e, portanto tendo a necessidade de um tipógrafo, somado às necessidades que o bispado apresentava nos registros de seus documentos e relatórios destinados à Sé. Era comum, devido a essas necessidades, o bispado manter oficina e tipógrafo à sua disposição. Artur Anselmo confirma esta tese ao tratar dos impressos joaninos. Conforme Anselmo (1997, p. 87-88), “Há mesmo os que trabalham exclusivamente para a inquisição, para os bispos, para casas abastadas da nobreza, para as academias ou para a Casa Real.”

Este documento conhecido como “Relação da entrada”, que homenageia o sexto Bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antônio Malheiros, em sua posse, datado de 01 de Janeiro de 1747, relatado por Luiz Antônio Rosado da Cunha em forma de folheto de 22 páginas, foi aprovado para impressão no dia 18 de Janeiro e impresso no dia 07 de Fevereiro. Segundo Borba de Moraes (2004, p.157) “houve duas tiragens referentes a este documento, a primeira datada de MCCXLVII, e outra de MDCCXLVII, sendo ambas raríssimas. Da primeira tiragem da Relação referente a de data errada, são notórios três exemplares, que localizam-se na New York Public Library, na Biblioteca do Itamaraty e na Brasiliana Guita e José Mindlin (USP). Da segunda tiragem (data certa) são conhecidos cinco exemplares, localizados na Biblioteca Nacional (dois), na New York Public Library (um), outro na Biblioteca de Coimbra e outro na Catholic University of America (Coleção Oliveira Lima)”.

10



Anais do XLI ENEBD



Esta “Relação da Entrada” faz parte da primeira edição com a data errada

2.5 NO LIMIAR DA LEGALIDADE

A pesquisa nos mostra que, na maioria dos casos, as obras volantes em forma de folhetos como sermões, operetas, discursos sacros, eram a fonte mais rentável para os tipógrafos nos reinos europeus no período setecentista. Sendo os folhetos e as obras volantes de pouca importância social e de pouca tiragem, alguns destes eram isentos das obrigações exigidas pela censura e possivelmente também dos impostos. Na maior parte dos folhetos impressos por Antônio Isidoro encontrava-se informações indicando ter todas as licenças necessárias, no entanto, as mesmas eram na realidade inexistentes.

Naqueles que contém as licenças da censura, é comum não estarem publicadas justamente a etapa de taxação do folheto. Deduz-se então, ainda que não possamos afirmar para todos os casos, que Isidoro pode ter lançado mão de um engenhoso recurso. Ao mesmo tempo que permitia o aumento de seus lucros, livrava-o de punições mais severas pois, em última instância apesar de não conterem a permissão para “correr”, não eram propriamente ilegais pois haviam de fato sido examinadas pelo sistema de controle de impressos. Nesses casos as obras seriam irregulares, mas não propriamente ilegais e com certeza não eram perigosas ou pecaminosas. (BARROS, 2012, p. 21)

Podendo ser classificado a “Relação da Entrada” do Bispo D. Antônio do Desterro como uma obra volante, Isidoro solicita ao Bispo para realizar a impressão na capitania do Rio de Janeiro. Apesar de não ser suficiente apenas a autorização do Bispo, classifica-lo como “volante” intentava esclarecer os motivos daquela conduta.

3 METODOLOGIA

Nesta seção, faz-se o discorrimento das técnicas e dos dispositivos utilizados na busca de conteúdo informativo que faça o embasamento da pesquisa então proposta, sendo a mesma, refletir sobre a mais provável motivação que impulsionou Antônio Isidoro da Fonseca para o Brasil, tendo como consequência, ou mesmo a causa, a impressão do primeiro documento em terras brasileiras.



3.1 QUANTO AO MÉTODO DA PESQUISA

A pesquisa em questão foi baseada em método dialético aplicado em material bibliográfico acessado através de leituras na qual, apresentavam-se opiniões e pareceres de especialistas, tais como: historiadores e bibliotecários, mesmo que citado por outros autores, defendendo um determinado pensamento (tese), enquanto, outros autores apresentavam outros argumentos de forma contrária (antítese), como no caso particular do pesquisador José Veríssimo citado por Bragança e do inglês Laurence Hallewell, da qual possibilita gerar uma nova opinião em relação aos fatos (síntese), proporcionando assim uma nova ideia a ser também considerada e analisada.

3.2 QUANTO A NATUREZA DA PESQUISA

Do ponto de vista de sua natureza, é uma pesquisa básica que propicia gerar novos conhecimentos correlacionados ao assunto pesquisado, possibilitando a partir de comparações bibliográficas dos conteúdos textuais consultados, melhor contextualizar os aspectos dos acontecimentos.

3.3 QUANTO A FORMA DE ABORDAGEM AO PROBLEMA

Sua forma de abordagem ao problema é descrito como qualitativa tendo existido a necessidade de uma participação direta dos autores da pesquisa, realizando visitas à Igreja São Francisco de Paula pertencente à Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula - VOTMSFP, fundada pelo Bispo D. Frei Antônio do Desterro Malheiros em busca por material bibliográfico.

3.4 QUANTO AOS OBJETIVOS

Do ponto de vista dos objetivos, a pesquisa pode ser caracterizada como exploratória, pois proporciona maior familiaridade com as questões que envolvem os assuntos da História do livro, como a vinda de Antônio Isidoro para o Brasil e as possíveis causas deste acontecimento, bem como, a utilização de investigação bibliográfica.



3.5 QUANTO AOS PROCEDIMENTOS TÉCNICOS

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, foram realizadas pesquisas bibliográficas elaboradas a partir de materiais já publicados, como livros, artigos, internet e também pesquisa documental, pois foram realizadas leituras e análises em documentos transcritos dos arquivos da VOTMSFP e registrados em um livro intitulado “Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula”.

4 RESULTADOS

Os dados recolhidos e analisados durante a pesquisa são de conteúdos textuais apresentados nas formas de artigos e livros. Como consequência, os resultados obtidos a partir desta análise se caracterizam por apresentar-se também em forma textual e expostos em perspectiva crítica.

13

Ao pesquisarmos as possíveis motivações que incentivaram ao tipógrafo Antônio Isidoro da Fonseca abandonar sua pátria na Europa, sendo Portugal a metrópole e se lançar às intempéries do Oceano Atlântico desembarcando no Brasil colônia em 1746/47 verificamos que o parecer dos especialistas consultados divergem, em vários quesitos, por serem várias as possibilidades que levariam a tomada desta decisão.

Diante destas contradições, das possíveis motivações da vinda de Antônio Isidoro para o Rio de Janeiro, abordadas neste trabalho, em face das análises dos conteúdos pesquisados entre os autores consultados, acreditamos que, a motivação mais preponderante para este intento teria sido de fato um convite direto de Gomes Freire, pois o governador da capitania do Rio de Janeiro além de apresentar naquele período um grande poder político demonstrado em suas ações no cumprimento de incumbências determinadas pela coroa portuguesa gozava, também, de amizade pessoal com Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal.

No entanto, cada formulação apresentada como a mais provável causa da vinda deste tipógrafo lusitano para o Brasil admite sempre uma refutação. Isso, em parte, ocorre pelo fato



de novas pesquisas estarem sendo realizadas. A descoberta de novos conhecimentos relativos a este assunto possibilita também novas indagações.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos estarmos concluindo esta pesquisa de forma satisfatória em relação aos objetivos da mesma, pois o propósito era fazer uma reflexão relacionada às motivações que resultaram na vinda de Antônio Isidoro da Fonseca para o Brasil, e concluímos que existem várias outras hipóteses além das que destacamos e muitas divergências entre os especialistas consultados para o embasamento de nosso trabalho. Entendemos, também, que só através de pesquisas mais efetivas de forma quantitativa, bem como, qualitativa conseguiremos chegar bem próximo do real estímulo para tamanho empreendimento.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Aníbal Martins; NORONHA, Vicente. **Venerável Ordem Terceira dos Mínimos de São Francisco de Paula**. Rio de Janeiro: Editora Charitas, 1970.

ANSELMO, Artur. “**O livro português na época de D. João V**”. In: Estudos de história do livro. Lisboa: Guimarães Editores, 1997.

BRAGANÇA, Aníbal. **Antônio Isidoro da Fonseca, Frei Veloso e as origens da história editorial brasileira**. 2002. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0782-1.pdf>> Acesso em: 21 abr. 2018.

BARROS, Jerônimo Duque Estrada. **Na oficina de Antônio Isidoro da Fonseca: levantamento e análise das obras produzidas pelo primeiro tipógrafo da América portuguesa**. 2012. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/producao/documentos/oficina-antonio-isidoro-fonseca-levantamento-analise-obras>> Acesso em: 21 abr. 2018.

CARVALHO, Thalles. **Os incunábulos brasileiros**. 2017. Disponível em: <<https://frontispicio.wordpress.com/2017/09/07/os-incunabulos-brasileiros/>> Acesso em 22 abr. 2018.

CASTRO, José Luiz de. **A organização da igreja católica na capitania de Goiás (1726 – 1824)**. 1998. Disponível em:



<[https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/CASTRO Jos Luiz de. 1998.pdf](https://pos.historia.ufg.br/up/113/o/CASTRO_Jos_Luiz_de_1998.pdf)> Acesso em: 25 mai. 2018.

GAUZ, Valéria. **Academias literárias no Brasil colonial**. 2005. Disponível em: <http://www.ofaj.com.br/colunas_conteudo.php?cod=180> Acesso em 20 abr. 2018.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil (sua história)**. 2a. ed., rev. e aum. Trad. de Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira, rev. pelo autor. São Paulo: Edusp, 2005.

LEITE, Edgard. “**Notórios rebeldes**”: a expulsão da Companhia de Jesus da América portuguesa. 2000. Disponível em: <http://www.larramendi.es/i18n/catalogo_imagenes/grupo.do?path=1000221> Acesso em: 25 mai. 2018.

MORAES, Rubens Borba. **O bibliófilo aprendiz**. Rio de Janeiro: Editora Casa da Palavra, 2004.

PASSOS, Alexandre. **A imprensa no período colonial**. Rio de Janeiro: Editora Ministério da Educação e Saúde, 1952.

RIBEIRO, Mônica da Silva. Trajetória familiar e ampliação jurisdicional: O governo do primeiro conde de Bobadela na América portuguesa (1733 – 1763). In: GUEDES, Roberto (Org.). **Dinâmica imperial no Antigo Regime português: escravidão, governos, fronteiras, poderes, legados, séculos XVII – XIX**. Rio de Janeiro: Mauad Editora Ltda, 2011.

RIZZINI, Carlos. **O jornalismo antes da tipografia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1968.

VERÍSSIMO [DE MATTOS], José. “A Instrução Pública e a Imprensa”, in **Livro do Centenário (1500-1900)**. Secção IV. Publicado sob os auspícios da Associação do Quarto Centenário do Descobrimento do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900.